Brazilian Journal of health Review

História de vida das travestis e a saúde

Life history of transvestites and health

Recebimento dos originais: 14/03/2019
Aceitação para publicação: 05/04/2019

Ronei Victor Soares Ferreira
Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.
Endereço: Rua Cesar Lattes, n. 17, Bairro Cidade Jardim, Sinop - MT
E-mail: roneiaripua123@gmail.com

Bruna Eduarda Zdradek De Lima
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso
Endereço: Avenida Alexandre Ferronato, N° 1200, Setor Industrial, Sinop - MT, Brasil
E-mail: brunaeduardazdradek@gmail.com

Erica Gabriele Da Silva Pereira
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.
Endereço: Rua dos Açaís, n. 884, Bairro Jardim Imperial, Sinop - MT, Brasil
E-mail: ericagsp.gsp@gmail.com

Andréa Baby Faé
Enfermeira pela Universidade Federal de Mato Grosso.
Pós graduada em enfermagem estética.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.
Endereço: Rua Floriano Peixoto, n. 1241, Bairro Centro, Cláudia - MT, Brasil.
E-mail: deia_babyf@hotmail.com

Pâmela Juara Mendes De Oliveira
Enfermeira,docente daUniversidade Federal de Mato Grosso.
Mestre em Ciências Odontológicas Integradas.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.
Endereço: Rua D2, n. 32,Setor Residencial Norte,Sinop - MT, Brasil.
E-mail: pamela.juara27@gmail.com

Neide Tarsila Da Costa Araújo
Enfermeira, docente da Universidade Federal de Mato Grosso.
Mestre em Educação.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.
Endereço: Rua Berna, n. 301,Residencial Bella Suiça,Sinop - MT, Brasil.
E-mail: neidetarsilaufmt@gmail.com

Francisco Moacir Pinheiro Garcia
Enfermeiro, docente da Universidade Federal de Mato Grosso.
Mestre em Educação.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso Campus Universitário de Sinop- MT.

Brazilian Journal of health Review

Endereço: Rua D2, n. 32, Setor Residencial Norte,Sinop - MT, Brasil.
E-mail: pamela.juara27@gmail.com

RESUMO

Introdução: a epidemia da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (hiv), que pode levar a síndrome da imunodeficiência humana adquirida (aids) constitui um fenômeno global, independente de cor, raça e orientação sexual. em relação ao público dos travestis, são vários os fatores que interferem no processo educação em saúde, tais como: discriminação, a baixa escolaridade e renda, no qual estão mais expostos à vulnerabilidade social. objetivo: descrever a história de vida de travestis que realizavam acompanhamento para hiv no serviço de atendimento especializado em infectologia (sae), levantando questões de identidade, vulnerabilidade e preconceito. metodologia: trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem no método de história oral temático, realizada com três travestis que são assistidos pelo serviço de atendimento especializado em infectologia - (sae) na cidade de sinop-mt no período de setembro de 2012. resultados: os resultados obtidos através dos depoimentos evidenciaram que os travestis por não suportarem o preconceito principalmente por parte dos seus familiares, mudam de cidade em busca da identidade, refúgio do preconceito, independência financeira, porém, a falta de qualificação e a marginalização social os levam para a prostituição sexual como meio encontrado para a sobrevivência. conclusão: faz-se necessário de capacitar os profissionais de saúde para lidar com a sexualidade dos travestis, e essa capacitação precisa ser pensado desde a formação com vistas saber lidar com suas próprias emoções, preconceitos e valores, que são fatores importantes para não julgar o cliente de forma negativa, de modo a oferecer um atendimento eficiente.

Palavras chaves: Educação em saúde. Travesti. HIV.

ABSTRACT

Introduction: The epidemic of human immunodeficiency virus (HIV) infection, which can lead to acquired human immunodeficiency syndrome (AIDS), is a global phenomenon, independent of color, race and sexual orientation. in relation to the public of transvestites, there are several factors that interfere in the health education process, such as: discrimination, low schooling and income, in which they are more exposed to social vulnerability. objective: to describe the life history of transvestites who performed follow - up to hiv in the service of specialized care in infectology (sae), raising questions of identity, vulnerability and prejudice. methodology: this is a qualitative research with an approach in the thematic oral history method, carried out with three transvestites who are assisted by the infectology specialist service (sae) in the city of sinop-mt in the period of September 2012. Results : the results obtained through the testimonies showed that transvestites for not tolerating prejudice mainly on the part of their relatives, change of city in search of identity, refuge of prejudice, financial independence, however, lack of qualification and social marginalization lead them for sexual prostitution as a means of survival. conclusion: it is necessary to train health professionals to deal with the sexuality of transvestites, and this training needs to be thought from the training with a view to dealing with their own emotions, prejudices and values, which are important factors for not judging the travestis. customer in a negative way, in order to offer efficient service.

Keywords: Health education. Transvestite. HIV.

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre a história de vida das travestis é relevante, pois são pessoas que chamam a atenção da sociedade por vestirem e se comportarem como mulheres, são considerados transgeneros, devido à relação dos dois gêneros feminino e masculino, um exemplo são os traços femininos que as travestis apresentam e seu órgão sexual masculino que possuem (GARCIA, 2009).

Por terem sofrido discriminação no próprio lar e por vezes na escola, a maioria delas tem baixa escolaridade, por falta de incentivo da família e por não suportarem as brincadeiras preconceituosas de seus colegas, acabam abandonado os estudos, explicando o motivo pelo qual a maioria delas tem baixa escolaridade. São vários os fatores que interferem no processo educação em saúde, tais como: discriminação, a baixa escolaridade e renda, no qual estão mais expostos à vulnerabilidade social (BRASIL, 2002).

As travestis descobrem muito cedo que são diferentes devido à manifestação da atração física por meninos, e sua vida sexual começa precocemente (GARCIA, 2009). Tornam-se vulneráveis as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) ou infecção sexualmente transmissível (ISTs) devido a práticas sexuais desprotegidas, múltiplos parceiros, fatores sociais e econômicos (BRASIL, 2015).

Existe uma maior vulnerabilidade de se contrair o HIV/IST, através do que se pode chamar de prática ou comportamento de risco e não se pode referir a “grupo de risco”, porque todas as pessoas que não se previnem estão expostas ao vírus.

A pesquisa se justifica na medida em que, através da historiografia de vida das travestis, torna-se possível desenvolver estratégias para sensibilizar os profissionais da saúde para um atendimento mais humanizado e livre de preconceitos.

2 OBJETIVO

- ✓ Descrever a história de vida de travestis que realizavam acompanhamento para HIV no SAE, levantando questões de identidade, vulnerabilidade e preconceito.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem metodológica de história oral temático.

Brazilian Journal of health Review

Foram entrevistados três travestis que realizavam acompanhamento no Serviço de Atendimento Especializado em Infectologia - (SAE) na cidade de Sinop-MT, em setembro de 2012.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista, com questões semiestruturadas e os depoimentos foram gravados com autorização das entrevistadas e após assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), procedeu-se as entrevistas.

Os relatos foram transcritos e foram analisados através do método de análise de discurso.

Para preservar a identidade e garantir o sigilo das participantes, utilizou-se pseudônimos de nomes de pedras preciosas.

A pesquisa teve sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Muller - Universidade Federal de Mato Grosso/ UFMT, aprovado sob o Número de Parecer 57299.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas buscou-se descrever a história de vida das travestis no que diz respeito a identidade, vulnerabilidade e preconceito.

A idade das entrevistadas foram: 27 (Esmeralda), 30 (Ágata) e 33 anos de idade (Rubi) e todas concluíram o ensino médio.

Quando abordados sobre a sua ocupação: Esmeralda e Ágata eram profissionais do sexo e Rubi cabeleireira, mas já havia sido profissional do sexo também.

A identidade está relacionada como o indivíduo se vê, por quem se sente atraído independente do sexo de origem, sendo questionado as travestis em que momento da sua vida percebeu ser diferente.

> A partir do momento que me tornei gente, quando tinha 12 anos de idade fiquei com um rapaz, doeu, mas foi muito bom, e, aí, percebi que gostava de homens (ÁGATA).

> Desde que eu era bem novinho. Desde que eu me conheço por gente já era assim. Eu me interessava pelos meninos essas coisas assim (ESMERALDA).

> Desde criança comecei a mudar, atração por homens e minha mãe sempre percebeu e aí depois com 13 anos falei, eu sou gay, daí eles me mandaram para o colégio interno. Eles não me assumiram, não me aceitaram e depois dos 18 anos virei travesti (RUBI).

Brazilian Journal of health Review

Quando indagadas em que momento de suas vidas resolveram assumir para a família sua identidade, explanaram:

> Eu assumi para a minha mãe quando tinha 10 anos de idade e fui embora para a casa de minha irmã, em Sorriso. Minha mãe, meu cunhado, não me apoiaram, as únicas pessoas que me apoiaram foram as minhas irmãs. Meu pai foi embora de casa quando eu tinha 5 anos de idade. Hoje em dia a minha mãe me deu uma casa ÁGATA).

> Ah! Eu tinha uns 15 anos e daí começaram a conversar... ah, que eu fui morar lá com o meu pai e você sabe, se sai com algum amigo o povo já fica comentando. E meu pai perguntou se eu era gay. Falei que sim, sempre fui curta e grossa. Já virei travesti eu tinha uns 20 anos (ESMERALDA).

> Eu só assumi ser travesti porque minha família era contra, porque eles podiam ter me aceitado no dia que falei, sou gay. Se eles tivessem me assumido eu podia ter me formado, podia ser alguma coisa na vida, mas minha família foi contra. Daí quando cheguei em casa de peito e tudo..., foi um susto para eles (RUBI).

Estes resultados corroboram com estudo realizado na região metropolitana do Recife em que 75% das entrevistadas assumiram-se como travesti com idade inferior a 18 anos (SOUSA; FERREIRA & SÁ, 2013).

De acordo com Santos; Santos (2011), quando os travestis assumem sua identidade, a família não sabe lidar com essa nova situação de descoberta dos seus filhos, e com isso, em muitos casos, inicia uma trajetória de rejeição pelas pessoas que fazem parte da construção da história dos travestis.

Ainda, de acordo Santos et al, (2010), as travestis sofrem preconceito referente à orientação sexual e ao gênero também em ambiente de prevenção e tratamento, um exemplo quando o funcionário chama a paciente pelo nome do documento e não pelo nome social que se considera.

Através das falas, entende-se que as depoentes assumiram sua identidade e a rejeição começou no seio familiar.

Na busca de uma aparência feminina, foram questionadas quanto ao uso de silicone e hormônios femininos.

Brazilian Journal of health Review

> Nunca tomei hormônios, não tenho silicone e os meus pneus são todos meus, mas tenho 10 tatuagens pelo corpo e uma das tatuagens é uma folha de maconha na bunda, você quer ver? (ÁGATA).
>
> Eu tenho silicone, fiz uso de hormônios, mais parei porque estou gorda, roliça (ESMERALDA).
>
> Tenho silicone no peito, bunda, na boca e na perna, todos os silicones são industrial. Tem pessoas que fazem na gente em cidade grande, tem clínica na casa e você compra tudo, seringa, lençol e eles injetam em você. Melhor você levar o material do que eles comprarem, né? É perigoso o silicone descer (RUBI).

Segundo Romano (2008), as travestis usam hormônios para deixar o corpo e a voz mais feminina, e em busca de um corpo perfeito fazem o uso de silicone industrial em clínicas que não são especializadas, sem condições de higiene, em fundo de quintal gerando riscos para a saúde como infecções e doenças. Na fala de Rubi, o local em que realizou o procedimento para transformação de seu corpo, é impróprio para a saúde, por se tratar de um local improvisado e sem estrutura médico-hospitalar.

Quando interpeladas como lidavam com a situação de ter contraído o vírus, responderam:

> Passei mal, no tempo da BR que peguei o vírus e entrei em depressão, tentei me enforcar por duas vezes. A primeira meu irmão cortou a corda e a segunda a corda arrebentou com o meu peso (ÀGATA).
>
> Como já falei nem todas as relações é 100%, o preservativo estoura, e tem homem que é sem vergonha. Quando eu descobri que tinha o vírus levei um susto, tem tanta gente que não se cuida e eu me cuidei e simplesmente a menina me liga falando que tem um exame que você não pegou. Fui lá pegar o exame e o resultado deu positivo. Eu sou bem controlada, sabia o que eu fazia e via muito travesti que tem o vírus e que tomava o remédio e eu sabia que tinha que me cuidar (ESMERALDA).
>
> Tem 9 anos que tenho o vírus, foi em 2004 que descobri que eu era positivo. Fiquei doente, me deu uma dor de cabeça tão forte, menina cheguei no posto de saúde e eles já me colocaram na cama. Quando descobri já estava doente, mau. No começo fiquei mau por causa do meu olho, fiquei com preconceito de mim mesmo por causa da toxoplasmose e tudo junto, entende? (RUBI).

Segundo Suit; Pereira (2008), as pessoas que são portadoras do vírus ao receber o diagnóstico têm a sensação de medo de outras pessoas ficarem sabendo de sua sorologia e muitos dos pacientes têm preconceito com si próprio a respeito do vírus do HIV.

No que diz respeito sobre vulnerabilidade, foram inquiridas sobre a clientela que as procuravam.

> A clientela que me procura são: caminhoneiros, homens casados e algumas vezes, mulher por curiosidade (ÁGATA).
>
> Todos procuram... novinho, velho, casado, solteiro não tem um público alvo assim (ESMERALDA).
>
> Eu não me protegia antes de pegar essa doença. Transava sem camisinha com caminhoneiro nos programas que fazia. Agora eu me protejo com o meu esposo até [...] se um dia eu sair, eu me protejo (RUBI).

Foram perguntadas se elas se protegiam em todas as relações sexuais.

> A vida de caminhoneiro é uma coisa, quando estava na BR fazendo programa, às vezes, fumava demais e fazia sexo de qualquer jeito, cobrava 20, 30 reais por programa. Tem muito caminhoneiro que era muito seboso e estava fedendo lixo, daí eu usava camisinha. Agora eu me cuido, me protejo para não passar doença para ninguém (ÁGATA).
>
> A gente se protege, mas sempre tem o risco do preservativo estourar. Eu cuido, mas não é sem por cento e sempre acontece alguma coisa e tal [...] (ESMERALDA).
>
> Ai, nem lembro, não tem conta, quando fazia programa (risos) (RUBI).

Observa-se através dos depoimentos que a proteção nas relações sexuais não é 100%, deixando-as vulneráveis as IST's, o que demonstra uma necessidade de ação educativa para que ocorra a prevenção de doenças e a interrupção das cadeias de transmissão.

Em estudo realizado por Sousa; Ferreira e Sá (2013) 91% das travestis utilizavam preservativo, no entanto, houve travesti que foram violentadas e obrigadas a realizar sexo desprotegido.

Quando se pensa em vulnerabilidade, faz-se necessário interpelá-las quanto ao uso de drogas lícitas e ilícitas.

> Já usei crack, todos os veados usam. Quando fico deprimido tomo corotinho de pinga e pinga não precisa comprar, os outros dão (ÁGATA).
>
> Não faço uso de drogas, já vi vários travestis usar, mas não uso. Tomo bebida alcoólica nas festas (ESMERALDA).
>
> Não bebo e não fumo **(**RUBI).

Segundo Romano (2008), as travestis têm uma tendência à depressão e ao exagero do uso de drogas lícitas e ilícitas. O uso de bebidas destiladas como cachaça e cerveja é muito utilizado entre as travestis, o que pode ser visto na fala de Ágata referindo-se ao corotinho (pinga).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se através dos depoimentos que as travestis por não suportarem o preconceito principalmente por parte dos seus familiares, mudam de cidade em busca da identidade, refúgio e independência financeira. Porém, a falta de qualificação e a marginalização social as levam a prostituição sexual como meio encontrado para a sobrevivência.

Ações educativas em saúde, distribuição de preservativos, divulgação e ampliação do acesso ao diagnóstico precoce, acolhimento e aconselhamento são de extrema importância para o estabelecimento de confiança, vínculo, empatia entre profissional e clientela.

Viabilizar qualidade de vida as travestis exigem implementação de educação em saúde, tanto para as travestis, como para toda a sociedade, no sentido de respeitar as diferenças. É necessário ainda, fomentar discussões nos espaços educativos para construção de estratégias que se relacionam com a sociedade com vista a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST/ AIDS. **Guia de Prevenção das DST/Aids e cidadania para Homossexuais**/ Secretária

de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília. Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais Secretaria de Vigilância em Saúde Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêutica (PCDT): atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST)**. Abril 2015 121p. Disponível em: http://conitec.gov.br/images/Consultas/Relatorios/2015/Relatorio_PCDT_IST_CP.pdf

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicol. USP[online].** v.20, n.4, p. 597-618; 2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n4/v20n4a07.pdf>.

ROMANO, Valéria Ferreira. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saúde soc. [online]**. v.17, n.2, p. 211-219; 2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000200019&script=sci_arttext>

SANTOS, Elder.et al. Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. **Revista Interamericana de Psicologia**. Porto Alegre, v. 44; n. 2; p. 235-245; 2010.

SANTOS, Rodrigo; SANTOS, Ailton. Travestis e as Dificuldades no Cotidiano Escolar**.** Salvador, **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**: direito, relações etnorraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultura 2011. Disponível em:< http://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/travestis-e-as-dificuldades-no-cotidiano-escolar.pdf>.

SOUSA, Patrícia Juliana de; FERREIRA, Luiz Oscar Cardoso; SÁ; Janilson Barros de. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.18; n. 8; p. 2239-2251, 2013.

SUIT, Dafne; PEREIRA, Marcos Emanoel. Vivência de estigma e enfrentamento em pessoas que convivem com o HIV. **Psicol**. **USP [online]**. v.19, n.3, p. 317-340; 2008. Disponível em< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642008000300004&script=sci_abstract&tlng=pt